

O imaginário nacionalista em Sílvio Romero

- a questão do Contestado -

Cynthia Machado Campos

Professora de História - UFSC.

Aluna do doutorado em História - UNICAMP.

Resumo

Este é um estudo a respeito de um texto escrito por Sílvio Romero em 1912 que propôs a criação do Estado do Iguazu como resultado da fusão do Paraná e Santa Catarina e como solução para o problema de disputa pelos limites de terras na região do Contestado. Do texto analisado emergem noções que permitem delinear o imaginário nacionalista no início do século.

Palavras-chave: Contestado; nacionalismo; imaginário, pensamento conservador; romantismo.

Abstract

This is a study about a paper written by Sílvio Romero in 1912, where he has suggested the creation of the State of Iguazu, resulting from the fusion of the State of Paraná and the State of Santa Catarina, as a solution for the borderland dispute in the region of Contestado. From the analysed text emerge concepts which allow us to outline the nationalist imagery reigning at the beginning of this century.

Keywords: disputed territory (Contestado); nationalism; myth; conservative thought; romanticism.

Este estudo tem como proposta a busca de elementos que configuraram o imaginário nacionalista no início do século XX, partindo da análise de alguns fragmentos, da obra de Sílvio Romero. Inserido num amplo movimento que atingiu a intelectualidade brasileira da época, Sílvio Romero se ocupou com projetos para a “construção da Nação” e colocou a perspectiva de fazer das letras uma forma de engajamento social. Foi comum que os intelectuais daquele momento rejeitassem os trabalhos que não tivessem uma “utilidade social”.¹

Vivendo as preocupações da maioria dos escritores brasileiros do momento, a obra de Sílvio Romero se voltou especialmente para o entendimento do “nacional”. As suas idéias assumiram um grande significado para a cultura brasileira e os seus estudos políticos influenciaram toda uma geração de pensadores. A força de seu poder de persuasão sobre os intelectuais brasileiros se fez presente no momento em que criticou a obra de Manuel Bonfim, conquistando grande adesão para sua causa. BONFIM publicara em 1903 um estudo intitulado “América Latina: males de origem”, onde denunciava a dominação exercida pelo pensamento europeu e norteamericano, atribuindo a responsabilidade pelo atraso, pobreza e ignorância do povo às classes dominantes e rejeitando a teoria da superioridade da raça branca. Aquele trabalho se constituiu no mais alto grau da consciência brasileira da época, estendendo suas repercussões para a América Latina. Sílvio Romero se fundamentou nas idéias que vinham da Europa para atacar bombasticamente as formulações de BONFIM, proclamando a cientificidade do princípio das raças inferiores e persuadindo a intelectualidade nativa a continuar

¹ A expressão *utilitarismo social* foi usada por Nicolau Sevcenko para se referir ao engajamento social da intelectualidade brasileira do início do século, que se via na obrigação de tornar sua obra escrita “socialmente útil”, conforme as palavras de José Veríssimo. (SEVCENKO, Nicolau. *O fardo do homem culto: literatura e analfabetismo no prelúdio republicano*. Mimeo, p. 83). Luciano Martins trata a mesma questão do engajamento quando discute as relações entre os intelectuais e a política brasileira na primeira metade do século XX. MARTINS, Luciano. A gênese de uma Intelligentsia; os intelectuais e a política no Brasil 1920 a 1940. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, Vértice, ANPOCS, 2(4): 65-87, jun. 1987.

propagandeando as idéias racistas, na perspectiva de apagar o passado negro da história do Brasil.²

O impacto da obra de Sílvio Romero sobre a cultura brasileira se fez presente particularmente a partir de 1906 quando publicou um trabalho que chamou atenção para os riscos que uma expansão alemã poderia representar para a Nação. O trabalho, intitulado “Alemanismo no sul do Brasil”³, estimulou o patriotismo, encorajando a união dos brasileiros diante da ameaça externa.

Apesar de ter sido um dos mais autênticos representantes do pensamento burguês no Brasil do século XIX, Sílvio Romero influenciou também uma parcela significativa dos escritores críticos ao pensamento liberal. Antônio Cândido é um dos primeiros a afirmar que na sua infância e adolescência teve, na “História da Literatura Brasileira” de Sílvio Romero as “raízes do seu interesse pelas letras”, onde ia buscar, fascinado, os “excertos, dados biográficos e julgamentos do autor”.⁴

A motivação para o presente estudo, além de partir do significado do pensamento de Sílvio Romero para a cultura nacional, se deve ao fato de que ele escreveu, em novembro de 1912, uma série de artigos propondo a fusão dos Estados do Paraná e de Santa Catarina, fundamentado na noção de “Pátria Grande”.⁵

Há muito tempo que eram levantadas dúvidas decorrentes da inexistência de limites ou da situação precária das demarcações entre as Províncias do Paraná e Santa Catarina. O problema se tornou mais difícil de ser resolvido quando, em

² RIBEIRO, Darcy. *Aos trancos e barrancos*, como o Brasil deu no que deu. Rio de Janeiro, 1985, parágrafo 63.

³ Idem, parágrafo 129.

⁴ CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1975, p.12

⁵ A idéia de Pátria Grande foi definida por Arthur Guimarães na apresentação que fez do texto de Sílvio Romero, como uma noção que vem de encontro ao sentimento patriótico, na perspectiva de superação das desavenças regionais, apelando para a *harmonia, fraternidade e a grandeza brasileira*. GUIMARÃES, A. Apresentação. In: ROMERO, S. A *união do Paraná e Santa Catarina*; o Estado do Iguazu, 1912. Mimeo, p. 3-4.

1771, o governador de São Paulo mandou fundar a povoação de Lages, que atualmente pertence a Santa Catarina, como parte do território da capitania de São Paulo.⁶

Ao ser criada a Província do Paraná em 1854, como resultado do desmembramento de São Paulo, a questão dos limites voltou a ser discutida. O governo da nova Província argumentou que as fronteiras com Santa Catarina se estendiam pelo planalto, até o Rio Uruguai, passando por Campos Novos, Curitiba e Lages. Uma série de controvérsias no parlamento se sucederam até o início do século: o Paraná alegava que detinha a posse das terras; Santa Catarina revidava, apresentando títulos de direito sobre o território.⁷

A possibilidade de fusão dos dois Estados passou a ser considerada por uma parcela significativa da intelectualidade brasileira do início do século, como uma maneira de lançar uma semente de patriotismo e servir de referência para possíveis outras fusões. Se tratava de consolidar, no momento aquilo que foi chamado de *o interesse maior da Pátria Grande*.⁸

O projeto evidenciado no texto de Sílvio Romero teve grande repercussão política porque propagandeou o impedimento de uma possível luta civil na região contestada. Esta preocupação atendeu aos anseios das elites dominantes na Primeira República brasileira: tratava-se de evitar os conflitos sociais. Estes conflitos, conforme consenso das mesmas elites, eram contrários ao princípio da *Nação enquanto um todo harmônico e prejudiciais em relação às noções de progresso, destino comum e interesse superior da Nação*.⁹

Os esforços de Sílvio Romero e seus contemporâneos não impediram que as tensões provenientes da luta pela posse da terra resultassem no desencadeamento de uma guerra na região contestada que envolveu posseiros, fazendeiros, companhias

⁶ PIAZZA, W. F. *Atlas histórico do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis : Ed. da Secretaria de Educação e Cultura, 1970, 17º texto.

⁷ Idem

⁸ GUIMARÃES, A. Op. Cit. p.4.

⁹ ROMERO, S. *A união do Paraná e Santa Catarina*; o Estado do Iguçu, 1912. Op. Cit., p. 33-35.

colonizadoras de terras e trabalhadores desempregados. A situação levou o governo republicano a mobilizar tropas do exército e da polícia, com ajuda de bandos de jagunços e da aviação de guerra, - esta última utilizada pela primeira vez no Brasil - para, na proteção dos interesses dos coronéis locais e das grandes companhias colonizadoras, destruir as Vilas Santas que haviam se constituído sob a liderança do monge João Maria. A operação chegou ao fim com a morte de milhares de camponeses.¹⁰

Ao se ocupar da questão do Contestado, Sívio Romero foi certamente atraído, bem mais, por uma perspectiva remota de fusão territorial, do que por possibilidades concretas desta realização. Isto porque se deteve no argumento em torno de um projeto que não vingou, de um plano que não se realizou. Talvez, como supõe SEVCENKO, seja este o *destino* que caiba à obra de Sívio Romero que, como outros intelectuais seus contemporâneos, *preocuparam-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com o seu estado real.*¹¹

Alguns princípios foram demarcados para orientar a investigação no texto de Sívio Romero. Inicialmente foi observada a maneira como ele escolheu os temas e imprimiu a estes um tratamento, a partir de elementos da cultura nacional, evidenciados na época. Desta forma se percebeu que tanto as tendências culturais e dilemas sociais vivenciados pelo autor estiveram presentes nos seus escritos, como também, por outro lado, as suas idéias produziram impacto nos processos culturais.¹² Ao mesmo tempo foi determinada a concepção que o autor apresentou sobre a situação sócio-econômica brasileira do início do século e sobre os elementos constitutivos das causas da miséria social. Foram evidenciadas as soluções propostas para a problemática do atraso e da pobreza e coletados os elementos levantados pelo texto que poderiam levar o Brasil a ser *uma verdadeira nação*. Posteriormente, foi apreendida a

¹⁰ ALENCAR, F. & RAMALHO, L. & RIBEIRO, M. V. *História da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, ao Livro Técnico, 1980, p. 221.

¹¹ SEVCENKO, N. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo : Brasiliense, 1989, p.20.

¹² CÂNDIDO, A. Op. Cit., p.12.

articulação da proposta de fusão, do Paraná e Santa Catarina com o projeto nacionalista mais amplo.

Um país novo

A idéias de *país novo* estiveram presentes, de forma marcante, na literatura brasileira, no período que antecedeu os anos 30. Esse ideal romântico depositou grandes esperanças num progresso futuro do Brasil, sustentando a possibilidade de que viesse a ser um local privilegiado, fadado a se constituir numa pátria de liberdade. As possibilidades futuras foram tomadas como amplas e se vincularam à grandiosidade e exotismo presentes na natureza. As noções *natureza* e *pátria*, vistas desta forma, articularam-se estreitamente. A pátria esteve predestinada a assumir um caráter grandioso proveniente das enormes possibilidades oferecidas pela terra. A esperança no futuro promissor levou a um inconformismo diante da situação da fraqueza institucional do Brasil por sua incompatibilidade com esta *grandeza da natureza*.¹³ A intelectualidade brasileira que vivenciou a entrada no século XX mostrou-se perplexa, diante da situação de contrastes acentuada, por um lado, pelo controle político das oligarquias agrárias e ascensão social de segmentos das elites urbanas e, por outro, pela miséria que atingia as camadas populares do campo e da cidade. Naquele momento foram produzidos uma série de discursos baseados na crítica social, ainda que não tenham esboçado claramente um projeto articulado para uma nova sociedade. Na impossibilidade de pensar uma transformação social, o discurso crítico se afirmou através de princípios morais que condenaram certas práticas institucionalizadas.¹⁴ A cultura brasileira foi submetida a uma espécie de balanço, na busca de promover o isolamento dos elementos que perturbavam a ordem social. Esta iniciativa pretendia apontar para um caminho *correto* a ser perseguido.

¹³ _____. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 140-143.

¹⁴ MARTINS, Luciano. Op. Cit. p. 73.

As lideranças da *intelligentsia* brasileira foram incontesteáveis, e a prática por elas adotada se orientou para a ampliação do seu quadro de influências, atuando não só sobre os segmentos vinculados às elites, mas buscando formas de adesão junto às camadas populares, na perspectiva de promover a eliminação do elemento considerado um entrave à modernização: o analfabetismo. Essa luta, travada pelos intelectuais, no âmago da cultura brasileira, pretendia trazer para as suas fileiras a massa amorfa do analfabetismo refletindo um *estranho sonho de roubar o rebanho das velhas oligarquias ao estilo do lendário flautista de Hammerling*, como argumenta SEVCENKO.¹⁵ O ideal de superação do analfabetismo esteve presente de maneira muito intensa na obra de Sílvio Romero, como resultado da constatação de uma falta de consciência por parte do povo brasileiro. Ele explicou a falta de consciência a partir da noção de *natureza* e de *caráter*: *a inconsciência... foi a primeira ação reflexa embutida em nosso caráter pelo aspecto geral de nossa natureza*.¹⁶

A idéia de que o povo brasileiro tem um caráter e que a inconsciência e a inércia fazem parte dele não foi atributo exclusivo da obra de Sílvio Romero, mas se ligou às preocupações de toda uma geração de escritores interessados em determinar o *caráter nacional brasileiro*: *nós brasileiros, entre muitas qualidades de bom quilate, entre muitos predicados merecedores de apreço, temos a fantasia demasiada inflamável, e, em se tratando peculiarmente de nosso valor, de nossas grandezas, do nosso prestígio, de nossa superioridade, de nossos progressos, de nossa cultura, de nosso papel no mundo, perdemos, com a mais singela, íntima e sincera confiança, o senso da realidade, a consciência das coisas e nos julgamos colocados no pináculo entre as nações*.¹⁷ Essa idéia foi, sem dúvida, uma das mais significativas contribuições de Sílvio Romero para o imaginário nacionalista: o determinismo do caráter

¹⁵ SEVCENKO, N. *O fardo do homem culto*; literatura e analfabetismo no prelúdio republicano, p. 82, Mimeo.

¹⁶ ROMERO, S. *Nosso maior mal*. Excertos, 1908, p.2-3.

¹⁷ Idem. p. 2.

apontou para a constituição do *nacional* e a defesa do nacionalismo definiu a existência de uma brasilidade. O caráter do povo seria até mesmo um elemento determinante dos males nacionais, da miséria política e social, da falta de educação, das dificuldades econômicas.

Também o princípio determinista, particularmente presente em quase toda a *história da civilização*, passou a condicionar as mais diversas explicações, não tanto no que se refere às influências do meio geográfico, que só atuariam a longo prazo, não estando presente na curta história do Brasil, mas sobretudo à ação do clima, que teria o poder de agir sobre a vida social como *excitante nervoso*.¹⁸

A idéia de caráter em Sílvio Romero se vinculou intimamente ao ideal nacional: o caráter parte do individual, mas é capaz de afetar toda uma população. Desta forma, a origem do indivíduo adquiriu uma importância fundamental: a *metade da carreira* (profissional do indivíduo) *é feita por esta simples qualidade de origem. O orgulho, o entusiasmo de ser paulista é hoje um tônico que prepara vantajosamente para as lutas da existência*.¹⁹ O caráter foi elucidado como *primeira força social*, aquele que evidenciaria a nacionalidade e vice-versa.

A formação do caráter nacional se aliaria à criação de uma consciência de uma *função histórica a desempenhar*, que se vincularia, por sua vez, à formação de um *grande povo*. O povo teria um único destino, um único *ideal* a ser perseguido, apesar das dificuldades apresentadas pela situação brasileira: *...a indiferença, o desinteresse, o alheamento completo em que andam as massas, o povo, as gentes todas de alto a baixo por seu viver como nação, seus destinos coletivos, suas funções históricas, suas aspirações ideais*.²⁰ No Brasil não haveria ainda, naquele momento, um grande povo, mas, reconhece Sílvio Romero, deveria haver um esforço para constituí-lo: a

¹⁸ CANDIDO, A Epígrafe. In: ROMERO, S. *Realidades e ilusões no Brasil; parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 17.

¹⁹ ROMERO, Sílvio. *A união do Paraná e Santa Catarina; o Estado do Iguaçú*. Mimeo, p. 28.

²⁰ _____, *Nosso maior mal*. Op. Cit, p. 8.

formação de um grande povo se faria a partir de um processo de educação. A solução através do ensino permitiria *arrancar da barbárie as populações do interior*,²¹ para, certamente, fazer predominar a *civilização*. Neste contexto tanto a instrução como a urbanização seriam elementos básicos.

A barbárie foi vinculada aqui a uma situação de predomínio da miséria social. Essa última, por sua vez, foi descrita de forma crítica ao longo da obra de Sílvio Romero: apareceria em toda a sociedade e em toda parte sob a forma de ignorância, opressão e pauperismo. As elites brasileiras, por sua vez, foram vistas como interessadas, consciente ou inconscientemente, em manter o analfabetismo por que dessa forma desfrutariam do trabalho do povo e obteriam vantagens políticas: se o povo fosse educado, a política bloquista se desmoronaria.

Esta política bloquista se tratava do poder das oligarquias que, segundo o autor, iludiam o povo. Além disto teriam transformado a federação brasileira em reduto favorável aos interesses dos chefes de clã. Estes “*mandões*” teriam se encastelado nos cargos de chefia nos Estados, não por conquista, mas em razão do caráter inerte do povo brasileiro. Uma grande parte das dificuldades nacionais foi atribuída, desta forma, à atuação dos grupos oligárquicos: *o clã triunfante tem sempre reduzido os outros à impotência, comprimindo as liberdades civis, reduzindo a nada as franquias municipais, falsando as eleições, corrompendo as justiças, monopolizando os empregos, estendendo-se sempre em entente cordeale com os chefes das oligarquias centrais, em troca de serviços, auxiliando-se mutuamente...*²²

O retrato do Brasil traçado por Sílvio Romero se baseou na caracterização de *uma desarticulada ditadura, de joelhos perante o Exército, repartida em 20 oligarquias fechadas, feudos escusos, pertencentes a vinte bandos de sicários*.²³ Não foram poucos os ensaios políticos que se referiram ao poder das fa-

²¹ Idem, p. 11.

²² _____, *Estudos Sociais; o Brasil na 1a. década do século*. Excertos, 1910, p. 24.

²³ _____, *Discurso Parlamentar. In: RIBEIRO, Darcy. Aos trancos e barrancos; como o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1985, parágrafo 182.

mílias que se sucederam no poder desfrutando das vantagens dos governos. A este desvirtuamento da administração pública Sílvio Romero deu o nome de *geografia da politicagem*.²⁴

A constituição do nacional

Ao combater o federalismo e as oligarquias, a proposta de superação dos particularismos regionais se dirigiu para a *constituição da Nação*. A tomada de consciência de que a transplantação das instituições estrangeiras impedia a adoção de alternativas viáveis para o Brasil e dificultava a afirmação da Nação, exacerbou o espírito nacionalista. Se não fosse precedida de uma adaptação ou mudança adequada ao meio, qualquer cópia das instituições dos chamados *popos mais cultos* estaria condenada ao fracasso, conforme Sílvio Romero. Toda a crítica que ele fez ao modelo estrangeiro reforçou a idéia da necessidade de preservação dos interesses da Nação: no lugar de copiar leis ou instituições estrangeiras a ação deveria se orientar para ressaltar aspectos, tradições e costumes nacionais.²⁵

A Nação, ou o povo da Nação, a partir da tomada de consciência de que estava sendo iludido e das razões do seu atraso cultural, estaria instrumentalizado para afirmar a cultura nacional. O espírito nacionalista aqui traçado emergiu desta forma, a partir da crítica à cópia do estrangeiro e da constatação do atraso. A superação da consciência do atraso possibilitaria o desenvolvimento de uma produção intelectual nacional e levaria a população a deixar de prestigiar somente a literatura estrangeira para dar maior importância aos pensadores e escritores nacionais.

Além da valorização da cultura do país, a construção da Nação passaria pela necessidade de que o povo alcançasse autonomia de iniciativa e de que rompesse com a tradição do

²⁴RABELLO, Sílvio. Epígrafe. In: ROMERO, Sílvio. *Realidades e ilusões no Brasil; parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1979, p.20.

²⁵ROMERO, S. *Nosso maior mal*. Op. Cit., p. 5-13.

Império brasileiro onde a monarquia impedia práticas de independência. A autonomia prevista estava vinculada à idéia de liberalismo e colocava em evidência, conforme Sílvio Romero, a necessidade indispensável de uma revolução que permitisse a afirmação de tais princípios.

A idéia de Nação brasileira se vinculou às noções de superação do atraso e de progresso apontando para um futuro original, livre, culto e acima de tudo *civilizado*. Implícita na noção de progresso estava não só a preocupação com o aumento da produtividade e crescimento econômico, como também com as *necessidades morais*. Para a superação de um passado atrasado foi colocada a urgência da elaboração de um pensamento nacional que preparasse os cidadãos para os tempos modernos e, que os ajudasse a resistir tanto às classes parasitas quanto à dominação estrangeira. Colocou-se, também, a necessidade de novas instituições que se diferenciasssem das que existiram durante o Império brasileiro e das que vigoraram na República.

O regime republicano foi criticado por Sílvio Romero porque estava centralizado nas mãos das oligarquias e, por ter transformado a federação em regime unitário. Essa crítica apontou para a necessidade de acabar com os governos dominados pelos clãs e para um federalismo diferente. Justificou-se aqui, também, fundamentada no caráter do povo brasileiro, uma caminhada em direção à Nação: *o povo brasileiro, pelo seu estado de cultura, por seus antecedentes étnicos e históricos, por sua educação, por seu caráter, por suas tendências, não era, nem é, apto para esse federalismo que lhe coseram aos ombros.*²⁶

Os partidos políticos existentes no Brasil, o PRF e o PRC, foram considerados como *ridículos agrupamentos sem nenhuma virtude ou valor*, integrados por multidões anônimas, somente levados a funcionar em momentos que foram mandados pelos chefes das *nefandas oligarquias que infeccionam a vida nacional.*²⁷ As eleições políticas no Brasil, levadas ao mais

²⁶ _____, *Estudos sociais*; Op. Cit., p. 25.

²⁷ _____, *A união do Paraná e Santa Catarina*; o *Estado do Iguçu*, p. 39, Mimeo.

desprezível abandono, foram pensadas como resultado da *suprema degradação e miséria* a que está submetido.²⁸

O autor apontou para a necessidade da existência de um governo eleito pelo sufrágio da maioria da Nação, que estivesse em concordância com os interesses do povo, pois a ele deveria dar a direção. O governo unitário deveria, assim, estar em articulação com o *gênio* do povo e sufocar o caudilhismo de forma rigorosa. A proposta desse novo Brasil seria aquela que implicasse no rompimento com o passado e com os governos anteriores, que eram vistos como *péssimos*, por não terem desenvolvido uma política orientada para a *construção da Nação*.

O retalhamento territorial do Brasil em fazendas e engenhos como resultado da herança das antigas capitânicas foi entendido como prejudicial. A idéia era a de unificar o território. Portanto, a construção da Nação, além de passar pela constituição de um povo autônomo e empreendedor, se vincularia também à idéia de um espaço que superasse os particularismos e as lutas regionais. Nesta perspectiva é possível associar a argumentação de Sílvio Romero pela criação do Estado do Iguazu ao projeto de Nação que ele delineou.

O Contestado

Algumas das causas dos males do Brasil, no pensamento de Sílvio Romero, eram as divisões políticas estaduais que, segundo ele, se configuraram num perigo que atravessou o período imperial, não encontrando solução na República. No regime monárquico as grandes províncias se faziam representar no parlamento de forma privilegiada em relação às pequenas províncias. Em função da pouca representatividade, as pequenas províncias não conseguiam concessões de espécie alguma, fossem estas a construção de uma estrada de ferro, a obtenção de algumas levas de imigrantes, a criação de bancos ou auxílios de qualquer outra natureza. Estas dificuldades teri-

²⁸ _____, *Nosso Maior Mal*. Op. Cit., p. 8.

am gerado um espírito particularista que levou ao reforço das oligarquias locais. As oligarquias, por sua vez, teriam se lançado ao poder nos Estados, empreendendo uma política estúpida. A divisão territorial do Brasil, que Sílvio Romero julgou *imprestável*, seria a responsável pela afirmação das oligarquias. Além disso, em razão da diferença entre o número de representantes de um Estado, em relação ao outro, ser muito grande, o regime federativo ficara comprometido.

Sílvio Romero considerou urgente a necessidade de dar uma solução para o problema territorial da região contestada, argumentando que a indefinição dos limites agitaria as populações locais a ponto de se colocar no horizonte, a possibilidade do desencadeamento de uma Guerra Civil. Esta argumentação foi contrária à todas as soluções propostas para evitar conflitos que não fossem a possibilidade de união.

Em primeiro lugar, a criação de um novo Estado que se limitasse à zona contestada lhe pareceu uma *solução bastarda* ou *irrisória* porque, além de não contentar as populações locais, transformaria a região em um Estado insignificante, com baixa densidade demográfica e poucos recursos acumulados. Estes seriam elementos que impediriam a criação de uma situação de igual-importância diante dos Estados vizinhos e que não permitiriam o rápido progresso.

Uma outra solução apontada foi a da divisão do território contestado entre os dois pretendentes, proposta esta, segundo Sílvio, *inconveniente e sem propósito*, pois tanto um quanto outro Estados ficariam com um *desgracioso frangalho de terras*, de difícil governo e *feio no mapa*. Se o Paraná ficasse com a porção oeste do território, apertaria o Estado vizinho, e se à Santa Catarina coubesse esta parte de terras, cedo teria que fazer frente às missões argentinas em situação desvantajosa.

A possibilidade da manutenção da situação das terras na forma tal como se encontrava na época, era considerada uma alternativa que ajudaria a manter a origem do mal e alimentar a discórdia entre as partes oponentes. Sílvio Romero utiliza para esta situação a expressão *solução de mentecaptos e perversos*.

Esteve colocada também a possibilidade do cumprimento da sentença do Supremo Tribunal que dera, em 1904, ganho de causa a Santa Catarina. Esta sentença desconsiderou o princípio de posse secular das terras, favorável ao Paraná. Em 1909 foi reafirmada a mesma sentença, agora defendida pelo Visconde de Ouro Preto. Diante da situação o Paraná entrou no Supremo com novas contestações, sob o patrocínio de Rui Barbosa. Epiácio Pessoa, como jurista, assumiu a causa de Santa Catarina e em 1910 obteve a vitória, a partir do terceiro e último pronunciamento do Tribunal, que confirmou as decisões anteriores, todas favoráveis aos catarinenses. Apesar disso, o Paraná continuou com a posse dos territórios contestados.²⁹

Finalmente, a solução do arbitramento, além de poder vir a ser um desrespeito à sentença do Tribunal, qualquer que fosse a decisão do árbitro, corria o risco de não ser acatada por ambas as partes, afirma Sílvio Romero.

A solução patriótica apontada para por fim à dificuldade foi a da junção de pequenos Estados contíguos, buscando uma situação de equivalência no regime representativo. Desta maneira, a junção dos Estados do Paraná e Santa Catarina poderia reverter numa união de sucesso.

O nome proposto para este futuro território unificado foi o de *Estado do Iguaçu*, nome que coincidiu com o do rio que dividia a região contestada. Em torno desse nome seria obtido um certo consenso entre as partes rivalizadas. A capital do novo Estado poderia ser a cidade de Porto União ou União da Vitória, que se localizavam exatamente sobre o território contestado, no planalto. A escolha destas cidades se vinculou às possibilidades de progresso ali existentes: *...que intenso progresso a se desenvolver ali, com estas facilidades de expansão para o coração do continente, para o mar, para o sul, para o norte.*³⁰ Além disso, formando um conjunto com as outras cidades do Estado, Porto União poderia se constituir também num centro de força política.

²⁹ CABRAL, O. R. *História de Santa Catarina*. Florianópolis : Ed. UFSC, 1970, p. 320.

³⁰ *Idem*. p. 42, 43.

Descartando as possibilidades apresentadas, o autor expôs as razões pelas quais defendeu a união entre os dois Estados. Primeiramente levantou uma argumentação vinculada ao ideal de patriotismo. Este patriotismo não assumiria o caráter de reforço ao partidarismo local, pois o regionalismo se norteava no horizonte das velhas capitâncias hereditárias e atendia, por um lado, às aspirações das oligarquias - os *mandões* - e por outro ao barbarismo das camadas populares.

O verdadeiro sentimento patriótico estaria na noção de *todo harmônico*. Este sentimento resgataria a *grande alma nacional*, fragmentada nas aspirações populares. Desta forma, a retomada do caráter brasileiro, ultrapassaria aos limites Estaduais. Quanto à origem do patriotismo, Sílvio Romero reportou-se aos primórdios da cultura brasileira: (...) *a grande alma nacional, que se iniciou embalada nos braços, nas carícias, nas orações de Anchieta; que bramiu juvenil e entusiasta, na palavra ardente e trovejante do padre Vieira que encantou os céus nas melodias de Gonzaga; nos carmes de Cláudio; nas éclogas de Alvarenga; nas harmonias de Gonçalves Dias que zombeteou do destino; no rir escarminho de Mattos; no cepticismo doce e amorável de Azevedo e Varella que despertou os rincões paraguaios com a trompa heróica de Tobias Barreto, e alcançou os corações dos escravos nas apóstrofes aladas de Castro Alves; essa alma gigante que atirou ao mar o flamengo; que fez retomar os navios ao francês; que tomou o passo a Rosas e soterrou Lopes; essa alma tecida de ouro e seda, talhada em bronze e mármore, que sonha nas noites estreladas na ronda fulgente das criações de Alencar, ouvindo as monodias acarinhantes das suas incomparáveis figuras femininas; essa alma enérgica que temperou o aço da espada de Caxias e da lança de Osório, e - porque não lembrá-lo também? - durante cinqüenta anos, sorriu carinhosa no olhar paternal de Pedro II, essa alma imortal - ainda um pouco esquecida pelas ingratidões dos homens, pela vesânia dos políticos... Urge mirar também o seu semblante e escutar os seus acentos...*³¹

³¹ ROMERO, S. A união do Paraná e Santa Catarina. Op. Cit., p. 14-15.

Segundo o autor, fazia-se necessário que medidas urgentes fossem tomadas no Brasil em direção a um grande patriotismo. Ao contrário de um momento em que o sentimento patriótico inspirou a subdivisão das grandes províncias, *ser patriota* foi definido como a realização da operação contrária, sendo valorizada aqui a hipótese da união de pequenos Estados da federação. As uniões foram consideradas formas de possibilitar aproximações de territórios em conflito, como no caso do Paraná e Santa Catarina.

Apesar de acreditar que a melhor solução política para o Brasil fosse a constituição de um governo unitário que estivesse atento ao *gênio do povo*³², Sívio Romero argumentou que a união dos dois Estados poderia servir aos anseios da Federação, pois reforçaria o poder dos governos, das administrações. A criação do Estado do Iguazu, respaldada no patriotismo, caminharia tanto no sentido de superação do bairrismo, do reforço da idéia de servir ao Brasil e da superação dos preconceitos e mesquinhas, quanto à direção da afirmação de que ser brasileiro é lutar pela união.

Favorável à fusão estava também a idéia de que os elementos geográficos contribuiriam para isso. Os acidentes naturais encontrados nos dois Estados estariam perfeitamente adequados a servir como demarcação para os limites da soberania. A soberania, que afirma a nacionalidade, foi vinculada estreitamente às noções de território e natureza: o nacional e o natural aqui se confundiram para formar um *bloco perfeito*. Assim, conforme as palavras de ROMERO: *...um torrão bendito, onde a terra carinhosa e hospitaleira, o céu benigno, a flora e a fauna exuberantes, a providencial disposição dos rios e do mar, a distribuição primorosa das planícies e das serras, das florestas e campinas, a maravilha das cascatas, os tesouros do subsolo, a vastidão esplêndida dos portos, - tudo parece combinado para o surto, nesse magnífico cadinho, nesse laboratório secular, nesse cenário magnífico, de uma população, orgulho de todo o Brasil, vigorosa, esforçada, unida sob um só governo, inteligente, enér-*

³² _____ . *Estudos Sociais*. Op. Cit., p. 26.

gico, progressivo, implacavelmente patriota...³³ Aqui, as noções de *povo*, *nação* e *patriotismo* emergiram diretamente da natureza. As belezas naturais da terra, detalhadas pelo autor, passam a sensação de estarem naturalmente unidas à idéia de *Nação*. A noção de *soberania* aqui foi vinculada à *patriotismo*. O Estado do Iguacu, por estar localizado em uma região fronteiriça de grande perigo, teria uma missão patriota a cumprir: a guarda dos limites do território nacional das ameaças externas.

Os elementos provenientes do meio geográfico e da natureza, estreitamente ligados às noções de *pátria* e *nação*, seriam, por assim dizer, os *determinantes* das possibilidades de sucesso que a união dos Estados poderia vir a ter. A semelhança do clima, da flora e da fauna nas chapadas do Paraná e Santa Catarina aliadas à existência de um sistema de portos naturais que acompanham a costa dos dois Estados, promoveriam a unidade do *habitat*. Foi sugerida também a possibilidade da existência de uma espécie de integração entre o sistema portuário, servindo o porto de São Francisco como uma espécie de escoamento natural da produção que a baía de Paranaguá não comportaria. Desta forma, a costa de Santa Catarina, por se apresentar extensa e povoada de portos e baías, atenderia às necessidades da produção paranaense. A equivalência do tamanho do território do Estado do Iguacu com o de seus dois vizinhos e a possibilidade de obter também uma equivalência no número de habitantes dos três Estados do sul reforçaram os argumentos na direção da união dos mesmos.

As vantagens da união dos dois Estados estavam intrinsecamente relacionadas às possibilidades de prosperidade econômica: o acúmulo de dinheiro e de riquezas poderiam ser *alavanca de progresso*. O progresso econômico proveniente de um impulso na indústria, comércio e agricultura resultaria, assim, em um maior acúmulo de rendas. Isso também implicaria em uma adaptação das estradas de ferro e rodagem à esta nova situação e a melhor utilização dos portos e rios.

³³ Idem, p. 21-22.

A construção da Nação se associou, desta forma, à idéia de *progresso e prosperidade*, de um futuro feliz alcançado a partir de um *sentimento de amor à pátria*: o horizonte foi tomado como promissor e capaz de trazer maior dignidade à vida. A satisfação das aspirações de progresso poderia ser alcançada pela união que certamente daria mais força, poder e prestígio aos Estados. O prestígio possibilitaria a obtenção de mais recursos que agilizariam a produção e que dariam energia ao trabalho.

O prestígio político poderia ser obtido a partir de uma maior representação na Câmara Federal: um maior número de representantes unidos significaria maior *peso político* e despertaria maiores atenções e simpatias. Assim o Estado do Iguazu obteria vantagens provenientes da força política e do poder que detivesse.

A constituição do nacional passou também pela noção de segurança interna, da população. Para manter a segurança e a ordem de forma eficaz, a repressão ao banditismo foi considerada uma medida das mais necessárias. Ordem, segurança e progresso foram a tônica dos discursos de Sílvio Romero, influenciado pelas idéias difundidas pelo pensamento positivista.

A noção de *destino comum da Nação* ou da população, se aplicava também aos Estados: da mesma maneira que povo e Nação caminhariam em uma mesma direção, movidos por um sentimento de orgulho, ambição, dever e responsabilidade; os Estados do Paraná e Santa Catarina, pela sua natureza semelhante, se encaminhariam em direção à incorporação. Da natureza partiria, desta forma, o impulso necessário à união que estaria orientado na direção dos *superiores interesses da Grande Pátria*.³⁴

O orgulho e entusiasmo provenientes da união dos Estados permitiria encarar o horizonte com o otimismo necessário, a ponto de fazer com que até mesmo as dificuldades fossem enfrentadas com nobreza. Desta forma, um dos obstáculos a unificação, representado pela existência de duas constituições distintas, po-

³⁴ Idem, p. 35.

deria ser superado a medida que fosse permeado pelo espírito patriótico. Este espírito facilitaria a promoção das reformas constitucionais que se fizessem necessárias à unificação.

A importância fundamental que Sívio Romero atribuiu à formação do caráter nacional se aplicava também ao caso do Paraná e Santa Catarina. Segundo ele, desta união poderia surgir uma nova configuração do caráter como resultado da *...fecunda união do gênio empreendedor do paranaense com a alma poética, imaginosa e confiante do filho de Santa Catarina*.³⁵ Eis aqui um exemplo privilegiado da noção de caráter presente no pensamento do autor: ele é definido a partir de um único aspecto ou então é generalizado para todo um conjunto a partir de características encontradas em um indivíduo que ocupe uma posição de destaque em meio à coletividade. Sendo assim, *...a transbordante poesia de Luiz Delfino e Cruz e Souza casar-se-á com a plasticidade prática dos políticos do Paraná, e o Brasil terá que admirar os novos rebentos que serão uma nova forma de caráter nacional*.³⁶

E, para não fugir à regra da atitude messiânica que a intelectualidade brasileira se atribuía no alvorecer deste século, Sívio Romero terminou a sua defesa em favor do Estado do Iguaçu, desta forma: *...oxalá que os intelectuais dos dois Estados se ponham à frente da grande aspiração*.³⁷

Caberia finalmente, explicitar um pouco as condições que possibilitaram a produção das idéias de Sívio Romero aqui colocadas, bem como estabelecer as relações necessárias com a situação em que tais idéias se difundiram. Não seria o caso de tomar o pensamento do autor como resultado daquilo que ocorreu, ou estabelecer uma relação tão estreita com a realidade que limite a aplicabilidade do conceito utilizado. Entretanto certas vinculações históricas permitem perceber a dimensão social do pensamento, da consciência ou da imaginação.³⁸

³⁵ Idem, p. 44.

³⁶ Idem, p. 44.

³⁷ Idem, p. 44.

³⁸ WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*, p. 141.

O nacionalismo, enquanto imaginário social, pode ser produzido a partir do cruzamento entre a experiência dos indivíduos e de elementos de realidade vividos por estes. A explicitação da situação histórica poderá permitir uma melhor elucidação da emergência do nacional. Algumas épocas históricas têm se apresentado mais propícias para a exacerbação do espírito nacionalista e manifestações de caráter nacional. Estas manifestações em geral aparecem em períodos de crise; em momentos de afirmação de grupos ou classes sociais que tentam se reerguer após um período de declínio; em épocas de euforia, progresso ou ascensão de grupos, de classes sociais ou de um país. A origem do imaginário nacionalista pode ser buscada no século XIX, durante a consolidação dos Estados Nacionais e expansão imperialista da Europa. Aquele momento coincidiu com a difusão das idéias da superioridade racial, consideradas como portadoras de um caráter científico.³⁹

A potencialidade do novo mundo ficou evidenciada, a partir das últimas três décadas do século passado, pela expansão do mercado e das sociedades industrializadas. No caso do Brasil, aconteceu a sua afirmação no quadro da divisão internacional do trabalho, quando a produção cafeeira passou a apresentar um grande crescimento, como resultado da maior aceitação no mercado externo. Pouco a pouco se definiu uma nova ordem política e social, sob a hegemonia da elite paulista. Esta elite se esforçou em articular os seus interesses difundindo a idéia de que o Brasil tinha uma vocação inata para a agricultura de exportação que se articulava de forma perfeita e harmônica com as importações européias, fossem estas de produtos manufaturados ou capitais. A burguesia republicana, não querendo abrir mão dos privilégios que a cafeicultura e o crédito internacional lhe proporcionavam, manteve acesa a crença nestes pressupostos.

A manutenção do modelo internacionalizado de economia brasileira dependeu, entre outras coisas, de um conjunto

³⁹MARSON, A. Sobre a ideologia do caráter nacional: uma revisão. *Revista de História*, São Paulo : Departamento História da USP, 42 (86):513-528, abr./jun. 1971, p. 525.

de convicções que se ativeram aos limites possíveis de consciência, dados pelas condições da Primeira República.⁴⁰ Este momento coincidiu com a difusão das teorias do realismo científico na cultura brasileira, até mesmo, como reação à escola romântica. O movimento cultural se vinculou às transformações históricas que estavam se processando, tanto no Brasil como no exterior. As correntes científicas, originárias das transformações técnicas e científicas que ficaram conhecidas como II Revolução Industrial, adentraram ao mundo das letras.⁴¹

Como que derivadas das teorias do realismo científico, as características psicológicas brasileiras foram tomadas como preocupação central do pensamento de Sílvio Romero. Aqui, o entendimento do processo histórico partiu da explicitação de uma série de valores subjetivos. Os traços psicológicos forneceram a tônica para a elucidação dos fatos históricos, e a configuração de uma dada realidade social foi compreendida a partir do caráter que, conforme o autor, se constituía no comportamento ou modo de ser do povo brasileiro.

A expressão *ideologia do caráter nacional* foi utilizada por Dante Moreira Leite⁴² e posteriormente por Adalberto Marson para se referir ao sistema de pensamento que, segundo MARSON, profere uma falsa generalização, partindo da suposição da existência de uma identidade necessária entre fenômenos situados em níveis diferentes, assim como, por exemplo, na relação entre traços psicológicos e processos históricos.⁴³

Se distanciando de outros pensadores seus contemporâneos como Alberto Torres e Manuel Bonfim que enfatizaram as “*condições históricas e econômicas superáveis*” para as explicações da realidade, ROMERO insistiu na idéia dos *traços psicológicos inerentes*, tendo sido também fortemente influen-

⁴⁰ SEVCENKO, N. O cosmopolitismo pacifista da *Belle Époque*; uma utopia liberal. *Revista de História* (114): 85-94, São Paulo : Departamento História da USP, jan./jun. 1983, p. 86.

⁴¹ Idem, p.86.

⁴² MOREIRA L. D. *O caráter nacional brasileiro; história de uma ideologia*, São Paulo : Pioneira, 1969.

⁴³ MARSON, A. Op. Cit., p. 513-516.

ciado pelas teorias evolucionistas, apesar de que *conservasse em segredo resquícios de fé*,⁴⁴ conforme as palavras de Alceu Amoroso Lima. Aceitou, ainda, os princípios das diferenças raciais, proferindo um racismo peculiar perpassado pela idéia de miscigenação. No estudo da literatura brasileira se utilizou do critério étnico: a mestiçagem seria o fenômeno brasileiro essencial para caracterizar a psicologia, responsável pelas peculiaridades do caráter. Desta forma a mestiçagem se tornava uma espécie de mal inevitável, possível de ser solucionado com o branqueamento da raça. Também a imigração européia para o Brasil poderia apontar, no processo de fusão das raças, na direção do predomínio do branco.⁴⁵

A fusão étnica poderia ajudar na definição do caráter da civilização brasileira aliada à mestiçagem moral - resultado do contato das etnias - e poderia se vincular, de uma certa forma, a um processo de aquisição de autonomia cultural em relação à interferência estrangeira, particularmente a um rompimento com a imitação.⁴⁶

Apesar de crítico ao romantismo, a imagem do povo brasileiro, da natureza e da Nação construída por Sívio Romero encontrou suas bases nas idéias românticas. Ele foi um crítico a respeito da imitação da cultura estrangeira mas as suas próprias idéias retomaram o racismo e não negaram a formação que teve, com influência das idéias francesas e germânicas. Esta postura, conforme Luciano Martins, foi própria da intelectualidade brasileira do início do século *que não se limitou mais a mirar-se no espelho do 'mundo civilizado' se bem que ainda fosse seduzida por ele*.⁴⁷ Suas críticas à sociedade escravista oligárquica se fundamentaram na vida cultural brasileira do século XIX e as contradições de seu pensamento só se compreende em relação às condições da sociedade brasi-

⁴⁴ LIMA, A. A. Epígrafe. In: ROMERO, Sívio. *Realidades e ilusões no Brasil; parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios*. Petrópolis : Vozes, 1979, p. 15.

⁴⁵ CANDIDO, A. Epígrafe. In: ROMERO, Sívio. *Realidades e ilusões no Brasil; parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios*. Petrópolis : Vozes, 1979, p. 17-18.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ MARTINS, L. Op. Cit., p. 74.

leira da época, que se encontrava em transição na direção da consolidação do mundo urbano-industrial. Portanto, as possibilidades de superação destas contradições se colocavam além dos limites do pensamento do autor.⁴⁸

As críticas feitas por ele estiveram nos ditames de uma espécie de *consciência possível* que reivindicava a modernização econômica e política da Nação numa sociedade essencialmente dependente da exportação de produtos primários, na qual os representantes oligárquicos detinham um imenso poder baseado em favores e práticas eleitorais fraudulentas. A sua preocupação fundamental se voltou para a educação do povo através da instrução pública. Longe de ser um revolucionário, ROMERO apontou na direção de uma nova sociedade, atribuindo aos intelectuais o *papel de demiurgos, de heróis civilizadores da nação*.⁴⁹

Referências Bibliográficas

- CABRAL, O. R. *História de Santa Catarina*. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1970.
- CÂNDIDO, A. Literatura e Subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo : Ática, 1987.
- _____. *Formação da literatura Brasileira*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1975
- MARSON, A. Sobre a ideologia do caráter nacional: uma revisão. In: *Revista de História*, 42(86): 513-28, abr./jun. 1971. São Paulo : USP.
- MARTINS, L. A gênese de uma Intelligentsia; os intelectuais e a política no Brasil - 1920/1940. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo : Vértice, ANPOCS, 2(4):65-85, jun. 1987.
- MOREIRA, D. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo : Pioneira, 1969.
- PIAZZA, W. F. *Atlas histórico do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis : Ed. da Secretaria da Educação e Cultura. 1970.
- RIBEIRO, D. *Aos trancos e barrancos, como o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro : Guanabara, 1985.
- ROMERO, S. *A união do Paraná e Santa Catarina; o Estado do Iguaçu*. 1912 (Mimeo).

⁴⁸ MARSON, A. Op. Cit. p. 519.

⁴⁹ MARTINS, L. Op. Cit. p.4.

- _____. *Estudos sociais, o Brasil na 1ª. década do século*. Excertos, 1910. (Mimeo).
- _____. *Nosso maior mal*. Excertos, 1908 (Mimeo).
- _____. *Realidades e ilusões no Brasil; parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios*. Petrópolis : Vozes, 1979.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo : Brasiliense, 1989.
- _____. O cosmopolitismo pacifista da Belle Époque; uma utopia liberal. In: *Revista de História*, (114):85-94, São Paulo : USP, jan./jun. 1983.
- _____. *O fardo do homem culto; literatura e analfabetismo no prelúdio republicano* (Mimeo).
- WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1979.